

## **A LINGUAGEM CORPORAL E AS RELAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS PEQUENAS NO CONTEXTO DE UMA CRECHE**

MÁRCIA BUSS-SIMÃO (UFSC).

### **Resumo**

A presente comunicação traz elementos para discussão sobre a dimensão corporal, compreendida como linguagem, com base em uma pesquisa de doutorado, em andamento. Trata-se de uma investigação de inspiração etnográfica em uma instituição pública de Educação Infantil, da qual nosso objetivo inicial é analisar alguns dados empíricos do período denominado de 'exploratório', no qual foram realizadas observações no cotidiano da creche, buscando identificar 'modos' como as crianças, entre 2 e 3 anos de idade, experienciam seus corpos nas relações com seus pares e com os adultos. Por meio das observações, o nosso interesse na análise volta-se à possibilidade de evidenciar as estratégias e táticas que as crianças elaboram para agirem socialmente. As observações e análises têm como base teórico-metodológica a Educação e sua interface com as Ciências Sociais, sobretudo a Sociologia da Infância, numa perspectiva crítica, e a Antropologia da Criança. As discussões e análises provenientes dessas interfaces pretendem contribuir com o campo em constituição para a educação da pequena infância, campo esse denominado como Pedagogia da Infância, cuja intenção maior está em pensar as diferentes dimensões, por meio das quais as crianças se relacionam com os adultos, com os seus pares e com os diferentes contextos sociais e estruturais. Diante disso, o nosso foco no debate prioriza a dimensão corporal, concebida como linguagem e comunicação que se trava na afetividade entre as crianças em contextos educativos. A nossa hipótese é que reside na análise da dimensão corporal e nos modos descontínuos e indissociados como as crianças pequenas vivem, a possibilidade de compreensão de outras dimensões humanas, de maneira que podemos flagrar indicativos importantes para conhecer mais e melhor as crianças e suas infâncias, bem como, para pensar o planejamento da ação pedagógica e a consolidação de uma Pedagogia da Infância.

### **Palavras-chave:**

infância , linguagem corporal , Pedagogia da Infância.

### **Introdução**

A presente comunicação traz elementos para discussão sobre a dimensão corporal, compreendida como linguagem, com base em uma pesquisa de doutorado, em andamento. Nessa pesquisa de doutorado, tenho como um dos objetivos investigar, entre as crianças pequenas, quais processos que as levam a tomar consciência de seu corpo, seja por meio de seus discursos e de suas práticas nas relações com os adultos e com outras crianças, seja nas atividades sistematizadas pelos adultos, seja nas brincadeiras em diferentes espaços e contextos.

A hipótese que me move é de que as crianças constroem suas percepções e representações de corpo por meio das relações sociais estabelecidas com os adultos e entre elas próprias. Para isso pretendo dirigir o olhar, a alguns campos possíveis de visualização dessas representações, embasada, sobretudo, nas indicações de Lê Breton (2006), a saber: as técnicas corporais; a expressão dos sentimentos; a gestualidade; as regras de etiqueta; as técnicas de tratamento; as percepções sensoriais; as marcas na pele ou na própria carne; a má conduta corporal; as diferenças entre os sexos; o corpo imaginoso do racismo; o controle político do corpo e as classes sociais e suas relações com o corpo.

Pensando em uma sociologia do corpo acredito ser necessário inventariar, entre as crianças pequenas, essa dimensão corporal e seus usos em diferentes grupos sociais e culturais, distinguir as formas e as significações e suas vias de transmissão e emergências de novos gestos e posturas, etc. Sendo o corpo uma interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico, requer cautela em seus estudos e pesquisas.

Estudiosos do campo da Sociologia da Infância, especialmente Alan Prout, no livro *The future of childhood (2005)*, toma esta cautela ao indicar meios para privilegiar pesquisas que dêem conta de uma justa inter-relação entre natureza e cultura, não permitindo, desse modo, que reduções sejam feitas minimizando suas complexidades. Tal cuidado tem a intenção de prevenir que estereótipos e preconceitos raciais não se reafirmem nas sociedades.

Nesse sentido, essa investigação que ora conduzimos consiste num esforço de sistematização dessas experiências e conhecimentos a fim de que possam contribuir para a construção de uma especificidade da docência na educação infantil que inclua a dimensão corporal para além de sua conformação e alienação. Uma possibilidade desenvolvida nessa comunicação é a contribuição da dimensão corporal como linguagem e comunicação que se trava na afetividade entre as crianças em contextos educativos.

### **Caminhos metodológicos**

Para a *geração de dados*[1] utilizo procedimentos metodológicos de inspiração etnográfica, a fim de trazer descrições densas das relações das crianças por meio de registros escritos, fotográficos e fílmicos. A investigação acontece em uma instituição municipal pública de Educação Infantil, do município de Florianópolis. A instituição, localizada em zona urbana, atende crianças de 0 a 6 anos de idade em período integral.

O grupo de crianças com o qual realizei as observações é composto por 15 crianças com idade entre dois e três anos, sendo que a grande maioria delas completou três anos até junho, outras completarão três anos ainda durante o ano de 2009 e uma delas completará três anos apenas em janeiro de 2010. Nesse grupo de crianças, 13 são meninas e 3 são meninos. A grande maioria das crianças é procedente de família nuclear, sendo que metade das crianças do grupo são filhos únicos e de pais muito jovens, e a outra metade tem um, ou, dois irmãos. A grande maioria, do total de crianças do grupo pesquisado, enfrenta dificuldades em sua condição social e econômica.

Para essa comunicação o objetivo principal é analisar alguns dados empíricos do período denominado de 'exploratório', no qual foram realizadas observações três vezes por semana, tanto no período matutino como no período vespertino no cotidiano da creche, buscando identificar 'modos' como as crianças, entre 2 e 3 anos de idade, expressam a experiência com seus corpos nas relações com seus pares e com os adultos.

Nosso interesse em tal processo volta-se à possibilidade de colocar em evidência as estratégias e táticas que as crianças elaboram para agir socialmente. As observações e a análise desenvolvida têm como base teórico-metodológica a Educação e sua interface com as Ciências Sociais, sobretudo com a Sociologia da Infância e com a Antropologia da Criança. Nas relações entre esses campos do conhecimento procurou-se atuar numa perspectiva crítica às clássicas visões das crianças como sendo apenas produto das ações dos adultos, seres absolutamente passivos sem nenhum grau de iniciativa própria.

As discussões e análises provenientes dessas interfaces pretendem contribuir com o campo em constituição para a educação da pequena infância, campo esse denominado como Pedagogia da Infância, cuja intenção maior está em pensar as diferentes dimensões, por meio das quais as crianças se relacionam com os adultos, com os seus pares e com os diferentes contextos sociais e estruturais. Diante disso, o nosso foco no debate prioriza a dimensão corporal, concebida como linguagem e comunicação que se trava na afetividade entre as crianças em contextos educativos.

### **Indicativos teóricos**

A nossa hipótese é que uma das possibilidades de compreensão de outras dimensões humanas reside na análise da dimensão corporal e nos modos descontínuos e indissociados de como as crianças pequenas as vem. A expectativa é que nesse processo possamos flagrar indicativos importantes para conhecer mais e melhor as crianças e suas infâncias, bem como, para pensar o planejamento da ação pedagógica e a consolidação de uma Pedagogia da Infância.

Nos indicativos teóricos o que nos move na busca em compreender de modo menos dicotômico e fragmentado a dimensão corporal, é a necessidade apontada por pesquisadores de se compreender o corpo como uma interconexão entre natureza e cultura. Historicamente, o corpo ora foi concebido como *herança* da natureza, biológica, ora como *herança* cultural, social e histórica. Sendo que até muito recentemente estas duas dimensões vinham sendo estudadas separadamente, sem se considerar as relações entre elas. Ou seja, essas dimensões sendo estudadas separadamente, levaram a reducionismos e determinismos nas compreensões de corpo, sendo as *heranças* da natureza e da cultura sempre compreendidas como oposições. Agamben (2005) alerta que, corremos o risco de deixar na sombra aspectos essenciais da complexidade das relações que intercorrem entre estas duas formas de *herança* se mantivermos a perspectiva de concebê-las na redução, como simples oposições.

É importante compreender que essas dualidades e reducionismos trouxeram, e ainda trazem, limitações no âmbito das intervenções sociais e, em especial, para a educação, pois não consideram a complexidade presente no real. Tendo em conta que a dimensão corporal se constitui de uma interconexão entre natureza e cultura, estando presente em sua constituição elementos dessas duas *heranças*.

Parece-nos contribuir na busca pela superação desses reducionismos, os estudos de James, Jenks e Prout (2000), Silva (2001), Le Breton (2006), assim como de Mendes e Nóbrega (2004) ao destacarem que o ser humano deve ser considerado um ser biocultural, pois é, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural, uma vez que, no ser humano a natureza e a cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva e o que é biológico encontra-se simultaneamente infiltrado de cultura.

A partir de uma perspectiva sociológica, Le Breton (2006) apresenta a condição corporal como fenômeno social e cultural e sugere que as ações que tecem a trama da vida cotidiana, desde as mais simples e menos concretas, até aquelas que ocorrem na cena pública, sempre envolvem a mediação da corporalidade. Essa mediação permite aos seres humanos a cada instante ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, intervir com significações próprias no mundo que o cerca.

### **Indicativos das crianças**

Desde o momento que entrei em campo, deparei-me com a complexidade dos modos como as crianças vivem a infância e, sobretudo, a complexidade em direcionar o olhar para a dimensão corporal. No desejo de centrar meu olhar na dimensão corporal das crianças estava eu, novamente, 'olhando-as' de modo compartimentado e dicotomizado.

Como já evidenciado e discutido por Rocha (2008) e Buss-Simão e Gomes-da-Silva (2008), vivi, nesse período denominado de pesquisa exploratória, a problemática e os limites de instrumentos de pesquisa que possibilitem captar as diferentes linguagens expressivas das crianças, já que a linguagem oral é muitas vezes acompanhada de expressões corporais, gestuais, faciais. Nesse sentido, coloco ainda como um objetivo da pesquisa em andamento, desenvolver estratégias que permitam e possibilitem a leitura da linguagem corporal das crianças, sendo que, considero que seria uma contribuição para se conhecer mais e melhor as crianças e seus modos de viver a infância, embora alguns pesquisadores enfatizem que muitas investigações de inspiração etnográfica realizadas recentemente têm se preocupado em não configurar-se como pesquisas *sobre* as crianças, mas sim, *com* as crianças, buscando compreender a experiência da infância a partir das próprias crianças.

Apesar de todo o cuidado que tem havido sobre este aspecto, ainda se coloca para o campo da infância, um enorme desafio na definição de metodologias de pesquisas que se aproximem mais dos processos pelos quais as crianças brincam, se divertem, sofrem, interagem, desenvolvem sua identidade e seus relacionamentos por meio da dimensão corporal.

Gaitán (2006), ao sintetizar os percursos das diferentes perspectivas no interior da Sociologia da Infância num esforço de reunir e apontar indicativos dados por diferentes autores nesse campo, alertando para a necessidade de não mais se estudar separadamente crianças, infâncias e a dimensão corporal, indica, como um possível desafio metodológico, o *juego de rol*, ou seja, o jogo de *faz de conta* ou *jogo de papéis*, no qual as crianças desempenham papéis, com personalidades que normalmente não são reais. A autora sublinha que esse tipo de jogo se torna útil para observar a linguagem corporal das crianças: "En las fases iniciales de la investigación, el juego de rol puede resultar útil para averiguar cosas sobre las palabras y conceptos empleados por los niños, así como observar el lenguaje corporal y las costumbres" (GAIÁN, 2006, p. 254).

Nesse sentido, considerando as brincadeiras como campo privilegiado de ação das crianças, trago aqui elementos e indicativos das próprias crianças, os quais foram identificados em brincadeiras de *faz de conta* vividos por elas para compreender a sua dimensão corporal. Nesse curto período de pesquisa que realizei até agora, as brincadeiras vividas pelas crianças sempre envolvem repertórios e situações com: mamãe, filhinha e papai; doença ou situações em que se machucam ou que vão ao médico; comer comidinha ou tomar mamadeira sendo que essas situações ou são vividas pelas próprias crianças ou são suas bonecas e seus bebês que vivem essas situações; situações em que as crianças dão banho e trocam os bebês, as fazem dormir ou elas próprias são embaladas para dormir.

Logo no primeiro dia de observação na creche, presenciei o ritual do horário do sono das crianças. Por volta das 11:30h, depois do almoço as crianças escovam os dentes, lavam o rosto e vão deitar em colchonetes cobertos com lençóis brancos, dispostos na própria sala das crianças. Na tentativa de auxiliar as crianças a dormirem a professora e a auxiliar embalam as crianças. Cada uma delas senta-se entre duas crianças e as embalam dando 'palmadinhas'[2] no bumbum. Assim que estas dormem a professora e a auxiliar passam a embalar outras crianças, até que todas adormeçam. Para Mauss (1974), esse processo pode ser definido como



melhor o modo como as crianças constroem seu conhecimento do mundo e mais particularmente o conhecimento sobre sua dimensão corporal? Pesquisas realizadas por Toren (1993) indicam que um estudo sistemático acerca de como as crianças constituem o seu conhecimento de mundo é crucial para a análise de relações coletivas. A autora sustenta tal afirmação a partir da compreensão de que as crianças podem apresentar aspectos da sociedade que não são tão explícitos, mas, que de forma ainda incompreendidos, estão presentes na sociedade, de tal sorte que ouvir o ponto de vista das crianças pode tornar aspectos e relações obscuras presentes nas sociedades mais 'transparentes'.

Nos episódios descritos acima, no meu entender as relações que se tornam mais 'transparentes' é que as crianças, o que não exclui os adultos, aprendem com a dimensão corporal. Bourdieu (2001, p. 172) ao trazer o conceito de *Habitus* e incorporação afirma que aprendemos pelo corpo, sendo que a relação com o mundo é uma relação de presença no mundo. Para Bourdieu "[...] as injunções sociais mais sérias se dirigem ao corpo e não ao intelecto [...] sob a forma de maneiras de andar, de falar, de comportar, de dirigir o olhar, de sentar-se, etc". No episódio descrito, as crianças na creche aprendem e *experenciam* em seus corpos formas de dormir, que se tornam visíveis para mim, pesquisadora, por meio de suas brincadeiras.

Nessa mesma perspectiva a Antropóloga Aracy Lopes da Silva ao realizar, durante longos anos, investigações entre os povos A'uwe destaca que: "Uma primeira lição que essas crianças A'uwe nos ensinam é que se aprende vivendo, experimentando e que o corpo, suas sensações e seus movimentos são instrumentos importantes de aprendizado e da expressão dos conhecimentos em elaboração" (SILVA, 2002, 42). Essas evidências indicadas pelas crianças, tanto as da creche em que realizei a pesquisa exploratória, bem como a pesquisa da antropóloga Aracy Lopes da Silva, são indicativos que precisam ser levados em conta para compreender os processos pelos quais as crianças ampliam e diversificam suas experiências do/no mundo e os modos como elaboram os conhecimentos.

Para a continuidade da pesquisa, fica o indicativo da necessidade de ampliar as análises e os dados desses episódios descritos, para isso é fundamental a sistematicidade e o aprofundamento das observações, ou seja, a necessidade um maior tempo de permanência no campo. Pois, as cenas mostram quase que uma apropriação do ritual do sono, todavia Corsaro (2002) em seus estudos e pesquisas destaca a *reprodução interpretativa* no processo do brincar das crianças, assim sendo, é importante verificar como as crianças ressignificam o ritual do sono? Em que medida, além de ser conformada, a corporalidade das crianças dá novos contornos a essa experiência diária na creche? O corpo, enquanto dimensão biocultural, enquanto linguagem, revela ações sociais de ruptura? O que significa falar de *habitus* tratando-se de ações de crianças tão pequenas? E mais, como essa idéia de *habitus* se manifesta no faz de conta?

Outro indicativo das crianças, que foi possível evidenciar nesse período exploratório da pesquisa, foi identificado nos 'modos' como as crianças, entre dois e três anos de idade, experenciam seus corpos como linguagem nas relações com seus pares e com os adultos. Um aspecto relevante evidenciado quanto às relações sociais estabelecidas pelas crianças foram as expressões dos sentimentos por meio da dimensão corporal. A partir da observação das crianças identifiquei que a expressão dos sentimentos é um modo pelo qual elas tomam consciência dessa linguagem e desse código. Nesse sentido mais do que manifestar seus sentimentos, elas os manifestam a outros, como pode ser evidenciado no episódio que segue:

As crianças estão sentadas na roda, nesse instante chega a Heloisa. Lenice corre para recebê-la com um abraço, ao mesmo tempo Willy levanta e pega na mão de Heloisa e a convida para sentar ao lado dele, sendo que o convite é aceito por Heloisa. [...] Quando a professora os convida para lancha Heloisa quer ajudar Willy a colocar suas sandálias, mas ela não soube colocar, então o Willy mesmo colocou e falou: Willy: "É assim que faz Heloisa". Em seguida foi colocando a sandália. No caminho até o refeitório foi de mãos dadas com ela. Chegando ao refeitório sentou-se bem próximo da Heloisa, quando a professora o sentou na lateral para que pudesse ter mais espaço para lancha ele fez menção de choro, dizendo: Willy: "Quero sentar com a Heloisa". Apesar de que Willy ainda estava bem perto de Heloisa para ele parecia não ser perto o suficiente. Lancharam juntos e depois de terminarem de comer o lanche iniciam um jogo de imitar os gestos um ao outro. O que Heloisa faz Willy imita: ela coloca os braços estendidos sobre a mesa e ele imita, ela recolhe os braços e ele também o faz. Em seguida Willy sacode a cabeça e Heloisa o imita, se olham e sorriem e continuam a brincadeira (Registro diário de campo 30-03-2009).

No episódio acima se percebe que Willy e Heloisa *experenciam* seus corpos como linguagem ao expressarem seus sentimentos nas relações entre eles. Willy não fala nada ao pegar na mão de Heloisa e a conduz para sentar ao lado dele na roda, Heloisa por sua vez se deixa conduzir e assim inicia-se uma interação entre ambos. O antropólogo Marcel Maus, ao escrever sobre a expressão obrigatória dos sentimentos salienta que "[...] todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem" (MAUSS, 2001, 332). Nesse sentido, a expressão dos sentimentos como linguagem corporal adquire um caráter coletivo e social, ganhando significado numa determinada cultura. No episódio que segue os beijos e abraços são indicativos do sentimento e da relação afetiva entre as crianças.

Observei que no parque a Babi brincou o tempo todo com sua prima do grupo de crianças maiores. Chamou-me a atenção a despedida delas quando a professora chamou a Babi para voltar para a sala. A prima abraça a Babi e dá vários beijos carinhosos no seu rosto e logo a Babi retribui com um beijo, se olham mais um pouco e a Babi vai para sala, enquanto a prima a observa. Quando a Babi já havia entrado, a prima volta a brincar com outras meninas. (Registro diário de campo 08-05-2009).

Pelos episódios descritos se evidencia que as crianças, nas relações que estabelecem entre si e com os adultos, vão se apropriando dos significados sociais e culturais, sendo a linguagem corporal elemento central nesse processo. Essa evidência, na observação das relações entre as crianças remete a indicativos para pensar a docência na educação infantil. Aponta para a necessidade de atenção tanto para as relações afetivas entre as crianças como também das relações do adulto com as crianças.

Teixeira (2007) ao refletir sobre a docência, parte da compreensão de que a docência se constitui nas *relações* e questiona: como deixar de lado as afeições e afetações ao se falar da docência? Para a autora a relação com o outro é a matéria da qual é feita a docência, ou seja, a docência se constitui *na relação*. Além disso, a autora não desconsidera outras dimensões da docência, das quais eu também compartilho, como o fato de ser *da ordem do humano, da ordem do político, e das temporalidades*, além disso, por se constituir *na relação* e estando inserida na cultura é *mediada pelos conhecimentos*.

#### **Referências Bibliográficas:**

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BUSS-SIMÃO, Márcia; GOMES-da-SILVA, Eliane. Pesquisa com crianças na educação física: questões teóricas e desafios metodológicos. **Inter-Ação**. Revista da Faculdade de Educação -UFG, 33 (2), 395-416, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BROUGÈRE, Gilles. **Briquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2004.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**. n.17, p. 113-134, 2002.

GAITÁN, Lourdes. **Sociología de la infancia: análisis e intervención social**. Editora Sintesis, Madrid, 2006.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

JAMES, Allison ; JENKS Chris ; PROUT, Alan. O corpo e a infância. In: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**., 2ª Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 207-238, 2000.

LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. IN: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, Vol. 2, 211-233, 1974.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários Australianos, 1921). IN: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva. 325-333, 2001.

MENDES, M. I. B. de S.; NÓBREGA, T. P. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 27. Set /Out /Nov /Dez, p. 125 - 137, 2004.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados, 2001 (2ª reimp.).

SILVA, Aracy; MACEDO. Pequenos "xamãs": crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: SILVA, Aracy; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva & NUNES, Ângela (orgs). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global. p. 37-63, 2002.

PROUT, Alan. **The future of childhood**, New York/London, Routledge Falmer, 2005.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Heloisa, Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43-51.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações. **Educação e Sociedade**. Vol. 28, no. 99, p. 426- 443, 2007.

TOREN, Christina. Making history: the significance of childhood cognition for a comparative anthropology of mind. **Man**, 28, p. 461-478, 1993.

---

[1] Utilizo o *termo geração de dados*, e não *coleta de dados*, com base em Graue e Walsh (2003), que sinalizam o fato de que os dados não 'andam por aí' esperando que algum investigador os recolha, ao contrário, eles provém das relações e das interações complexas que o investigador estabelece com o campo investigado, de modo que, um dado pode ser considerado relevante para um investigador e pode não ser para outro.

[2] Uso a expressão 'palmadinhas' entre aspas pois são movimentos dados com as palmas das mãos sem a intenção de machucar, podem ser definidas como *técnicas corporais* usadas para incentivar as crianças a dormirem.

[3] Até esse momento da pesquisa ainda não defini como usarei os nomes das crianças, por essa razão os nomes das crianças que aparecem nos episódios descritos nessa comunicação são fictícios.